

Joaquim Escola (IF/UP/UTAD)

TECNOLOGIA E UTOPIA: UMA LEITURA A PARTIR DE PHILIPPE BRETON

A ligação entre a utopia e a tecnologia é grande. Uma plêiade de autores mais ligados à filosofia da tecnologia tem trazido à luz a estreita relação entre ambas. Na obra de Philippe Breton ambas as problemáticas se encontram de forma recorrente. O ensaísta francês, desde a obra *Petite histoire de la informatique*, passando pela *Utopie de communication*, *Explosion de la communication*, à *L'image de l'homme* medita sobre algumas das problemáticas mais importantes do século XX e XXI, como são a construção da utopia da sociedade da informação e comunicação, a génese e desenvolvimento da cibernética, a criação das entidades artificiais e as utopias mais ligadas ao progresso tecnológico e científico.

Nesta comunicação procuramos explorar a relação entre utopia e tecnologia na obra de Philippe Breton, mostrando a importância que a mesma tem na compreensão do século XX e XXI.

SESSÃO PARALELA 3 | PARALLEL SESSION 3

Isabel Araújo Branco (CHAM/NOVA FCSH)

ALEJO CARPENTIER: UTOPIA E HUMANIDADE

Esta comunicação pretende fazer uma leitura da proposta de sociedade humana e a sua ligação à utopia na obra do cubano Alejo Carpentier, em particular no romance *La consagración de la primavera* (1978). Esta narrativa abarca uma parte considerável do século XX, com os protagonistas, a russa Vera e o cubano Enrique, integrados em acontecimentos importantes da história da humanidade: a Guerra Civil Espanhola, a II Guerra Mundial e a Revolução Cubana. O texto, através da visão e experiência das personagens, apresenta uma proposta de sociedade baseada na ética e na cultura. O país caribenho assume-se simultaneamente ponto de chegada dos soldados derrotados da Guerra Civil Espanhola e ponto de partida de um novo período da humanidade, um período utópico. O título *La consagración de la primavera* é retirado de uma das mais marcantes composições de Igor Stravinsky, apresentada pela primeira vez em 1913. Para lá da intertextualidade óbvia, *Le sacre du printemps* dá-nos pistas para a leitura do romance. A peça está dividida em três partes: «Introdução», «Culto à Terra» e «O Sacrifício». No texto, facilmente podemos cruzar estes dois últimos planos em personagens como Enrique, Gaspar e Jean-Claude, na sua decisão de lutar em nome de um colectivo participando nas Brigadas Internacionais, sacrificando o seu bem-estar e até a sua vida. Afirma Igor Stravinsky: «The note functions only in the series. The form is serial, not only some or all of the musical elements that compose it. The individual note determines the form only as parts of its group or order. » Tal como a nota musical, também aquelas personagens de Carpentier sentem que fazem sentido apenas quando integradas num conjunto, no colectivo de homens que pretende cortar com o passado e construir um outro futuro, mais justo e equilibrado. É essa, aliás, a proposta do romance e o tema da nossa comunicação. Como escreve Carpentier em *Concierto barroco*, «todo futuro es fabuloso».

ALEJO CARPETIER: UTOPIA AND HUMANITY

*This paper intends to make a reading of the proposal of human society and its connection to utopia in the work of Cuban Alejo Carpentier, in particular in the novel *La consagración de la primavera* (1978). This narrative encompasses a considerable part of the twentieth century, with the protagonists, the Russian Vera and the Cuban Enrique, integrated in important events in the history of mankind: the Spanish Civil War, World War II and the Cuban Revolution. The text, through the vision and experience of the characters, presents a proposal of society based on ethics and culture. The Caribbean country is both the arrival point of the defeated soldiers of the Spanish Civil War and the starting point of a new period of humanity, a utopian period. The title *La consagración de la primavera* is taken from one of Igor Stravinsky's most outstanding compositions, first presented in 1913. Beyond the obvious intertextuality, *Le sacre du printemps* gives us clues to the reading of the novel. The play is divided into three parts: «Introduction», «Worship of the Earth» and «The Sacrifice». In the text, we can easily cross these last two planes in characters such as Enrique, Gaspar and Jean-Claude, in their decision to fight on behalf of a collective participating in the International Brigades, sacrificing their welfare and even their life. Igor Stravinsky states: «The note functions only in the series. The form is serial, not only some or all of the musical elements that make up it.» Like the musical note, those Carpentier characters also feel that they make sense only when integrated into a group of men who want to cut through the past and build a new one, more just and balanced future. This is, by the way, the proposal of the novel and the theme of our paper. As Carpentier writes in *Concierto barroco*, «todo futuro es fabuloso».*

Marco Neves (CETAPS/UP)

UM MUNDO SEM TRADUÇÃO: A UTOPIA DA LÍNGUA ÚNICA

A utopia do mundo monolíngue aparece-nos como nostalgia de um passado mitificado, cujo mais famoso exemplo é o mito de Babel, ou como ideia de um futuro desejável, em que a humanidade fale apenas uma língua. Se esta ideia aparece, frequentemente, como vago desejo pouco fundamentado, é certo que deu origem a importantes projectos de criação de línguas universais (Eco 1996). Mais recentemente, a difusão internacional do inglês aparece-nos como nova encarnação da possibilidade de uma língua universal, que poderá ser contrabalançada pela própria tecnologia de tradução automática, um outro tipo de utopia linguística (Ostler 2010). Nesta comunicação, descreverei até que ponto os projectos utópicos baseados no monolinguismo se baseiam em ideias erradas sobre a natureza da linguagem e da tradução e defenderei a protecção da diversidade linguística como fonte concreta de criatividade humana, no encontro entre a criação literária dentro de cada cultura e da sua tradução para outras línguas.

A WORLD WITHOUT TRANSLATION: THE UTOPIA OF A SINGLE LANGUAGE

The utopia of the monolingual world appears to us as nostalgia for a mythical past, the most famous example of which is the myth of Babel, or as an idea of a desirable future, in which humanity speaks only one language. If this idea often appears as a vague, unfounded desire, it is true that it has given rise to important projects for the creation of universal languages (Eco 1996). More recently, the international diffusion of English seems to be a new incarnation of the possibility of a universal language, which may be